

Um guia na escuridão

Do Micale ao Moacyr Jaime Scliar

ABRÃO SLAVUTZKY

Psicanalista

MICALE ERA A FORMA COMO NOSSA AVÓ CHAMAVA O PRIMO MICO. ALIÁS, SÓ FUI saber que Mico era o Moacyr Scliar quando já era adolescente. O motivo por que sua mãe, Sara, lhe pôs esse apelido é um mistério – há mesmo quem lhe conteste a autoria. Sara integrava uma família de judeus ucranianos que aqui chegou no ano de 1919, provenientes de uma pequena *shtetl* – cidadezinha – chamada Tolchin, situada entre Odesa e Kiev. Não é preciso discorrer sobre a importância da mãe na formação psicológica de todos nós. Mico escreveu várias vezes sobre sua mãe, que era valorizada não só por ele, mas por toda a sua família de origem, por ser professora. Ao casar-se e tornar-se mãe, deixou de lecionar e fez dos filhos seus alunos.

Sara, nome da primeira matriarca do Povo Judeu, tinha um pai chamado Abrão (avô de Mico), nomes que, como sabemos, formaram o primeiro casal do Povo Judeu. Com efeito, nomes são sempre enigmáticos: *Moacyr Jaime Scliar* encerrava uma série de enigmas que despertaram em Mico o apreço pelos antropônimos. Em seu esforço intelectual de escritor, Scliar passou anos, décadas até, buscando conhecer nomes que condicionam destinos, nisso muitas vezes auxiliado por leitores diligentes. Seu nome *Moacyr* foi inspirado em um personagem de *Iracema*, de José de Alencar, escolhido por sua mãe. **Moacir** – filho de Iracema e Martim – significa “filho do sofrimento” (*Moaci* = dor; *ira* = saído de). Se a escolha de tal nome se deu por razões ficcionais ou etimológicas, eis uma questão que permanecerá sem resposta. Incrível, em todo caso, é que foi justamente no terreno da ficção que nosso escritor conquistaria um lugar na Academia Brasileira de Letras, coroando dezenas de títulos e prêmios acumulados ao longo da carreira.

Scliar, em muitas de suas crônicas, escreveu sobre o nome ou sobrenome da pessoa, associando-o à profissão, para concluir que o nome determinara o destino. Tratou de desvendar não só os nomes dos outros, mas também os nossos e o dele próprio. Na Cabala consta que nas letras do nome de uma pessoa está contida a sua alma. E um ditado em latim reza que *nomen est omen* – o nome é o destino. Na abertura do premiado livro *A mulher que escreveu a Bíblia*, o autor se refere à sedução da palavra destino e sua associação do passado com o futuro. O nome que os pais escolhem para os filhos revela seus desejos inconscientes, o que pretendem para o futuro de seus descendentes – logo, em certa medida, o que determinam para seu destino. Foi o que recordou o escritor José Saramago na abertura de seu livro *Todos os nomes*: “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens”, que consta do *Livro das evidências*. Convém não esquecer que nossos nomes e sobrenomes não nos são dados de graça; pelo contrário, são dívidas para com nossos progenitores que pagamos, cada um de nós, em suaves ou pesadas prestações.

A família em que nasceu Sara chegou a Porto Alegre trazendo seus filhos pequenos,

o último dos quais recém-nascido. Como a maioria dos imigrantes judeus, era oriundo da Europa Oriental, o que significa dizer que vinha sem nada, apenas com as roupas do corpo. Para fins de subsistência, nosso avô aos poucos passou a confeccionar móveis, que, sem tino comercial, vendia com lucros reduzidos. A duras penas, a família ia se adaptando ao novo lar, até que veio o fatídico ano de 1927 e com ele uma tragédia que traumatizaria a todos: um acidente arrebataria a vida do menino Jaime, irmão de Sara, de apenas dez anos. Contam que o avô, o Zeide, não se recuperou mais do choque. Bobe, sua esposa, rezava todas as vésperas de Shabat e, ao acender as velas, chorava copiosamente. No entanto, terminada a prece, seus olhos já estavam secos e a vida seguia.

Foi em Buenos Aires, numa sessão de análise, que consegui deslindar parcialmente os enigmas que cercavam a morte do menino Jaime, cujo nome silenciado integraria o do escritor. Estava, como sempre, deitado em um divã de couro preto, de onde podia divisar o céu e as árvores lá fora, quando a triste história veio à tona. Sondávamos, minha analista e eu, os possíveis motivos pelos quais eu não falara até os quatro anos (na verdade, fui um menino autista), quando trouxe à baila a morte de tio Jaime. Minha querida analista, após escutar-me longamente, observou que a família havia feito um luto patológico pela morte violenta do menino. Esses lutos ditos patológicos são comuns em casos de morte brusca, e Jaime morrerá atropelado por um caminhão. A perda brutal do menino assombraria a família qual um espectro negro e melancólico a pairar sobre todos. Uma só vez conversei com Mico sobre nosso tio Jaime, mas foi um diálogo breve.

Scliar, na introdução de seu livro autobiográfico *O texto, ou: a vida – uma trajetória literária*, escreveu: “A história é feita de palavras. Palavras

são fundamentais para quem escreve, como a madeira, a serra, o martelo, os pregos, para o marceneiro. Esta comparação, no meu caso, é mais do que adequada. Passei boa parte de minha infância na oficina de móveis do meu tio. Como não podia comprar brinquedos em lojas – eram muito caros –, eu próprio os fabricava, utilizando a madeira que sobrava dos móveis. Confeccionava, assim, aviões e navios de guerra, todos com muitos canhões – cada canhão representado por um prego, com o que ficava fácil criar um grande poder de fogo”. Essa oficina de móveis ficava nos fundos da casa onde eu nasceria, e o tio a que se refere Scliar é José, irmão de Sara, meu pai. Em outro trecho do mesmo livro, o primo descreve a emoção e o choro de que foi tomado ao ver pela primeira vez o Muro das Lamentações. Revela nessas linhas o forte e consolidado sentimento judeu que marcou toda a sua obra, e cujas raízes remontam ao Bom Fim, velho bairro de Porto Alegre onde se estabeleceram os imigrantes judeus e que ganhou o mundo graças a muitos de suas novelas – sobretudo a primeira e marcante *A guerra do Bom Fim*. Havia neste bairro açougues judeus, bares, armazéns, até uma barbearia na qual se vendiam entradas do teatro ídiche. É, o Bom Fim foi nossa *shtetl*.

Mico, Bluma (filha de José) e Chico (filho de Dunha, irmã de Sara) eram primos, tendo passado juntos a infância e a adolescência. Conta Bluma que Mico sempre tinha muitas ideias de criar brinquedos e brincadeiras. Os três ingressaram cedo no Dror, movimento sionista socialista que mobilizava os jovens judeus. No entanto, um desentendimento fez com que, decorridos alguns anos, o primo escritor se transferisse para o Hashomer Hatzair, grupo sionista-marxista-leninista. Foi para trabalhar pelo Hashomer que interrompeu os estudos na Faculdade de Medicina e rumou para São Paulo. Creio que ficou nessa cidade cerca de

dois anos, ao cabo dos quais decidiu voltar para concluir os estudos. Na cerimônia de formatura, em que foi o brilhante orador da turma, citou o poeta Ferreira Gullar numa passagem de seu discurso: “Morrem quatro por minuto nesta América Latina...”. Eis que muitos anos depois, possivelmente em 1975, Mico, Judith, Sonia e outros amigos, nos encontraríamos com Gullar em Buenos Aires. Passamos uma aprazível tarde de domingo a conversar sobre Brasil, política e literatura.

Uns dez anos antes desse encontro na capital portenha um acontecimento decisivo ocorrera na vida do primo: seu casamento com Judith. Impossível esquecer a festa, celebrada num dos principais clubes da cidade, com centenas de convidados. Para diverti-los, Zelda, mãe de Judith, teve a ideia de elaborar uma pequena peça teatral de cerca de quinze minutos, escalando para representar os papéis os amigos da família Oliven – os irmãos Gladis e Abrão. Em meio à animação dos convivas, já terminada a janta, entramos em cena de surpresa e começamos a discutir as razões de casar ou não. Entre assustados e perplexos, muitos convidados perguntavam-se quem seria aquele misterioso casal que não conseguiam identificar. Tia Sara e tio José, pais do Mico, a princípio apreensivos, muito riram e aplaudiram no desfecho da encenação.

Mas nem tudo é alegria, nem tudo é festa. Um dos momentos mais tristes que vivi ao lado de Mico foi a morte de sua mãe. Aconteceu num domingo à tarde, no distante ano de 1971. A tia estava internada, e já se sabia que seu câncer era inoperável. Telefonei para saber notícias e tomei conhecimento de que sua vida estava por um fio. Devia ser umas três ou quatro da tarde quando cheguei ao hospital e fiquei sabendo por familiares que Mico pedira a todos que saíssem, ficando a sós no quarto com a mãe moribunda. Bati de leve à porta, entrei, e ali ficamos até tarde da noite, prolon-

gando uma vida que se esvaía. Muitos anos depois, por ocasião do Dia das Mães, Scliar lembrou a dolorosa experiência na crônica “Pietá”: “Minha mãe morreu. De câncer como outras mães. Uma doença apavorante, mas não rara. Eu, como médico, deveria estar preparado para a ideia de câncer em alguém dos meus. Mas não estava preparado. E nem pude aceitar a situação. Nem o diagnóstico, nem o prognóstico, nada. Quando, saindo da sala de operações, o cirurgião me disse as clássicas e medonhas palavras – não há nada a fazer, está tudo tomado –, tive, pela primeira vez na vida, a sensação de vertigem que, num átimo, nos precipita no mais fundo dos abismos. É uma sensação que só não nos aniquila porque é passageira (mas exigirá o resto da vida, seja este resto quanto for, para que precariamente elaboremos)”.

Ao ler essas palavras, comeci a recordar, como num filme, aquele dia tristonho em que Sara nos deixou. Mico estava postado de um lado da cama da mãe e eu do outro; ela já estava em coma e com pressão baixa. Poderia morrer logo, pois seu corpo produzia grandes quantidades de líquidos que precisavam ser aspirados a cada quinze minutos ou menos. Nessas ocasiões, eu ligava o aspirador traqueal por um ou dois minutos, enquanto o primo aspirava. Passava das dez horas da noite quando a tia, enfim, morreu. Ao final de “Pietá”, Moacyr escreve: “Meu primo, que também é médico, me ajudou naqueles últimos instantes. E logo tudo estava terminado”. Foi um dia de indizível tristeza, choros e abraços. Tia Sara fora única; gostava de se pintar, era uma mulher elegante e culta. Voz baixa, uma mãe bondosa com os filhos, e uma tia querida, falecida ainda jovem.

Em 1985, o primo jornalista Marcão – Marcos Faermann – solicitou-me uma entrevista com o já famoso Scliar. Quase três horas de conversa resultaram numa matéria especial que a *Shalom*, revis-

ta de cultura judaica, publicou com direito a foto de Mico na capa e manchete de impacto: “Do Bom Fim para o mundo”. Surpreso com o título, o escritor me disse que Marcão havia exagerado. A entrevista girou em torno de sua vida e obra, com especial ênfase à novela *O centauro no jardim*, que, publicada havia recentemente, viria a ser seu livro mais traduzido, eleito em 2002, pelo National Yiddish Book Center dos Estados Unidos, como uma das cem melhores obras de temática judaica dos últimos 200 anos. Scliar passava a figurar ao lado de luminares da literatura como Sholem Alechem, Saul Bellow, Isaac Bashevis Singer, Philip Roth e Bernardo Malamud, e sua novela marcaria presença nos principais centros de cultura do mundo. De fato, quem hoje viaja pela Europa, Estados Unidos, América Latina, Israel pode encontrar nas livrarias o primeiro centauro judeu da História.

Em um trecho da referida entrevista, Scliar explicou a gênese da insólita trama de seu livro: “*O centauro no jardim* nasceu assim: tudo partiu da ideia de um centauro, um ser mitológico. Eu pensei em escrever uma história sobre o centauro, envolvendo alguma coisa relacionada com o Rio Grande do Sul, porque o gaúcho é conhecido como o centauro dos Pampas. A minha primeira aproximação foi uma coisa sem maiores consequências, uma crônica sobre uma corrida de cavalos, ligada ao Grande Prêmio Bento Gonçalves, que era vencida por um centauro. Mas senti que não tinha esgotado o assunto e escrevi um outro conto, um pouco maior, depois uma pequena novela. Lá pelas tantas, entrou a ideia de um centauro judeu e aí comecei a escrever mais e mais sobre as aventuras dele, e fiquei empolgado. A cena fundamental foi a da circuncisão, fazer a circuncisão no centauro, em um cavalo, me fascinou, e sua vida ficou judaica. Aliás, esta cena leio para os públicos dos Estados Unidos e da Europa e o assombro é incrível.

Amplifica o clima emocional da circuncisão, esse elemento de estranheza que existe no ritual que acompanha a trajetória do judaísmo há milênios”. Com efeito, trata-se de “uma novela fantástica, uma novela regionalista, uma novela de picaresco erotismo, uma realística novela de alienação burguesa, uma novela metafórica, uma novela fantásticamente fantasmagórica”, como escreveu um entusiasmado crítico literário do *Washington Post*, concluindo: “Dr. Scliar é médico e judeu, mas deve ter também sangue de centauro”.

Regina Zilberman sintetizou assim o início da novela: “Guedali Tartakovsky é filho de um imigrante judeu que, numa leva proveniente da Rússia, no início do século, vem a ocupar as terras compradas pelo Barão Hirsch no interior do Rio Grande do Sul. Ter nascido centauro é o sinal desse primeiro impulso rumo à integração ao novo solo por parte de seus recentes ocupantes. Assumindo o corpo daquele ser que sintetiza a natureza sulina, Guedali é antecipadamente um gaúcho. Sendo rejeitado – escondido – por seus pais, ele demonstra o rechaço, por parte deste mesmo grupo, ao processo de diluição de sua identidade prévia – judaica e europeia – no contato com a terra brasileira”. É, o Marcos Faermann tinha acertado: do Bom Fim para o mundo.

Sempre alimentei o vício de ler, e para quem é viciado em leitura são grandes as chances de um dia terminar escrevendo. Certa feita criei coragem para mostrar ao primo escritor as tentativas que vinha fazendo, ao que ele, sem a intenção de me desanimar, mostrou-se um tanto reticente. Mais tarde, em outro colóquio, compreendi a razão de seu procedimento: escrever tinha a sua porção de dor. Revelou-me que para escrever precisava torturar as palavras, só permitindo sobreviver as de fato indispensáveis, muitas das quais ainda assim morriam nas revisões. Fiquei pasmo ante a ideia de que

escrever consistia em torturar as palavras, mas depois compreendi que cortar palavras, eliminar o supérfluo, é tão importante quanto o próprio escrever. Nos últimos anos, um ou outro dos artigos que publiquei no jornal rendeu-me seus primeiros elogios. Mas sabia que algumas vezes Mico agia assim mais por educação que por convicção. Finalmente, quando lhe entreguei meu último livro, ele logo me enviou um *e-mail* com palavras diferentes e consistentes, que me fizeram feliz e grato.

A morte de Moacyr Jaime Scliar, que nos pegou a todos de surpresa, tem sido uma perda difícil, muito difícil, para familiares, amigos e leitores. Sinto saudades do Mico; ler seus textos era – e continua sendo – uma forma de conversar com ele, de matar as saudades. Toda a segunda-feira acompanhava suas colunas na *Folha de São Paulo*, nas quais o exímio cronista partia de um fato verídico para logo em seguida, com sua fértil imaginação, construir uma história sempre interessante. Quantas vezes não ri com essas histórias diante do computador e depois lhe enviava um *e-mail* com algum comentário que ele logo respondia! Não tenho dúvida de que sempre idealizei o Mico e sempre sentirei orgulho dele. Nunca declaramos publicamente nosso vínculo familiar, e isso que estivemos juntos em vários encontros culturais sobre literatura, psicanálise e judaísmo.

Muito já se escreveu sobre este escritor de oitenta livros, grandes prêmios e obra objeto de várias teses universitárias. Scliar sabia como poucos contar uma boa história. Na verdade, como disse seu irmão no dia de seu enterro, ele foi um humanista; sempre demonstrou gratidão por nossa Terra e pela história de nossos ancestrais. Seus últimos livros tiveram na Bíblia uma de suas principais referências, transpondo várias de suas passagens para os dias atuais. Livros como *A Mulher que escreveu a Bíblia*, *Manual da paixão solitária* (ambos

prêmio Jabuti) e *Os vendilhões do templo* são obras já consagradas, sucesso de público e crítica. Em *Saturno nos Trópicos*, onde estuda a melancolia europeia trazida ao Brasil, alcançou um momento ensaístico sublime. Scliar envolveu-se com vastos campos da cultura – aventurou-se na literatura, na história, na psicanálise, no judaísmo, na medicina –, tendo sido um leitor infatigável desde criança até o fim da vida.

Ao longo de sua obra de ficção, e especialmente em seu livro *Meu filho, o Doutor*, teve no humor um tempero indispensável. Ora era o humor judaico que sobressaía, ora o brasileiro, ora ambos. Desse humor peculiar podemos encontrar exemplo num de seus livros menos citados, *Cenas da vida minúscula*. Perto do desfecho da história, a personagem principal, Laila, uma mulher minúscula, de um palmo só, está doente e seu esposo vai à farmácia comprar remédio. Ao pedir ao farmacêutico um antibiótico, fica preocupado com a dose certa, devido ao tamanho da mulher. O outro, tomado pela curiosidade, imagina tratar-se de uma anã e começa a discorrer sobre as vantagens eróticas de uma mulher pequena. Seu jeito bem brasileiro de falar contrasta com o sofrimento do marido, mas provoca no leitor risos imediato.

Num artigo de 2005 em que recorda os encontros de intelectuais que se realizavam nas residências de Erico Veríssimo e Maurício Rosemblat, Scliar cita Quintana ao referir-se a essas casas como “estrela e guia/ na escuridão”. Creio que Mico foi uma estrela que iluminou o caminho de muitos que conviveram e o leram pelo Brasil afora e pelo mundo. Foi um guia, um sábio, o sábio do Bom Fim, que divulgou as histórias dos imigrantes sob uma visão própria. Se é verdade que todo ser humano tem seus conflitos, angústias, culpas, sintomas, diga-se então que primo Mico não escapou a essa regra. No entanto, seus méritos foram tantos

que as eventuais falhas em nada diminuem esse homem que jamais deixou de sonhar com um mundo melhor para todos. Moacyr Jaime Scliar foi escritor, médico sanitaria, e ajudou muita gente – incluindo a mim, que tive nele um dos responsáveis por minha formação.

Por fim, proponho encerrarmos este texto com a homenagem prestada pelos judeus a seus entes queridos que se foram, a oração que dizem a seus mortos: *Ossé Shalom Bim'romav, Hú iaasé Shalom Alenu veal col Yisrael, veimrú, AMEN* – “Aquele que firmou a paz nas alturas, com sua misericórdia, conceda a paz sobre nós e sobre todo o Seu povo, Israel, e dizei AMÉM”. Essa última frase do Cadish, que memorizei por meio de uma música, é cantada em tons emotivos, ora tristes, mas sempre sob forte sentimento e fé. Nosso Moacyr Scliar se foi cedo, mas nos deixou uma obra que jamais será esquecida, daí a sua imortalidade. *Toda Rabá* – muito obrigado – por tudo Mico.